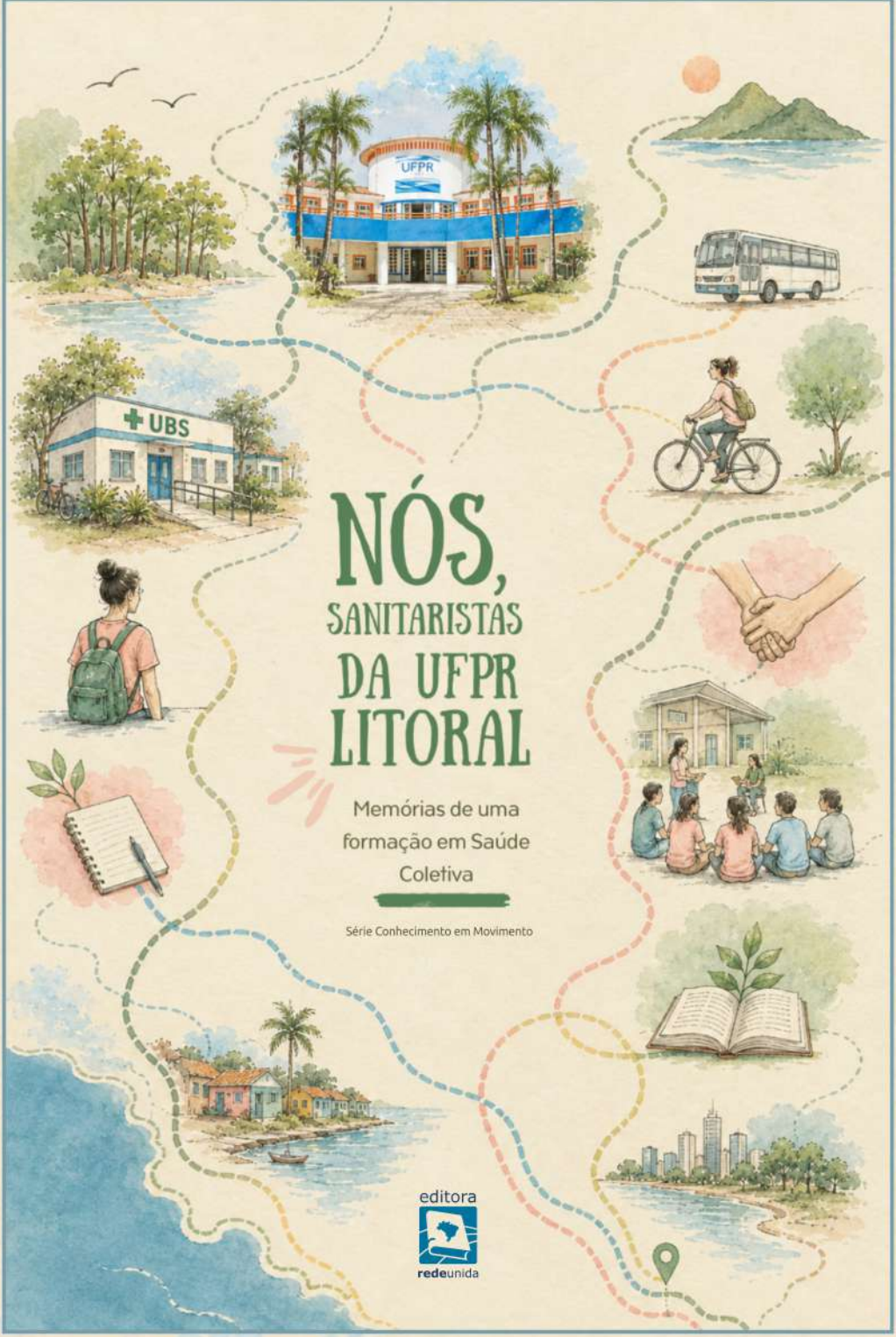


NÓS, SANITARISTAS DA UFPR LITORAL

Memórias de uma formação em Saúde Coletiva

Série Conhecimento em Movimento

editora rede unida



A **Editora Rede Unida** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 300 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede Unida**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.
Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede Unida
https://editora.redeunida.org.br/

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



ORGANIZADORES
Luna Rezende Machado de Sousa, Michele Straub,
Aaronson Ramathan Freitas, Carla Straub,
João Batista de Oliveira Junior, Roberto Eduardo Bueno,
Suzane de Oliveira, Tainá Ribas Melo e Thiago Bagatin

Série Conhecimento em Movimento

NÓS, SANITARISTAS DA UFPR LITORAL

memórias de uma formação em Saúde Coletiva

1ª Edição
Porto Alegre
2026

editora
redeunida

Copyright © 2026 by Luna Rezende Machado de Sousa; Michele Straub; Aaronson Ramathan Freitas; Carla Straub; João Batista de Oliveira Junior; Roberto Eduardo Bueno; Suzane de Oliveira; Tainá Ribas Melo; Thiago Bagatin e Associação Rede Unida

Este trabalho está licenciado sob a licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)

Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA
Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial
Editores-Chefes: **Alcindo Antônio Ferla e Hêider Aurélio Pinto**
Editores Associados: **Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Denise Bueno, Diéssica Roggia Piexak, Fabiana Mânica Martins, Fernanda Cornelius Lange, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Michelle Kuntz Durand, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Ceccon, Sheila Rubia Lindner, Stela Nazareth Meneghel, Stephany Yolanda Ril, Suliane Motta do Nascimento, Virgínia de Menezes Portes**

Conselho Editorial
Adriane Pires Batiston *(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);*
Alcindo Antônio Ferla *(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);*
Àngel Martínez-Hernáez *(Universitat Rovira i Virgili, Espanha);*
Angelo Stefanini *(Università di Bologna, Itália);*
Ardigó Martino *(Università di Bologna, Itália);*
Berta Paz Lorido *(Universitat de les Illes Balears, Espanha);*
Celia Beatriz Iriart *(University of New Mexico, Estados Unidos da América);*
Denise Bueno *(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);*
Emerson Elias Merhy *(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);*
Êrica Rosalba Mallmann Duarte *(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);*
Francisca Valda Silva de Oliveira *(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);*
Hêider Aurélio Pinto *(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);*
Izabella Barison Matos *(Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);*
Jacks Soratto *(Universidade do Extremo Sul Catarinense);*
João Henrique Lara do Amaral *(Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);*
Júlio Cesar Schweickardt *(Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);*
Laura Camargo Macruz Feuerwerker *(Universidade de São Paulo, Brasil);*
Leonardo Federico *(Universidad Nacional de Lanús, Argentina);*
Lisiane Bôer Possa *(Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);*
Luciano Bezerra Gomes *(Universidade Federal da Paraíba, Brasil);*
Mara Lisiane dos Santos *(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);*
Márcia Regina Cardoso Torres *(Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);*
Marco Akerman *(Universidade de São Paulo, Brasil);*
Maria Augusta Nicoli *(Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);*
Maria das Graças Alves Pereira *(Instituto Federal do Acre, Brasil);*
Maria Luiza Jaeger *(Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);*
Maria Rocineide Ferreira da Silva *(Universidade Estadual do Ceará, Brasil);*
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira *(Universidade Federal do Pará, Brasil);*
Priscilla Viégas Barreto de Oliveira *(Universidade Federal de Pernambuco);*
Quelen Tanize Alves da Silva *(Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);*
Ricardo Burg Ceccim *(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);*
Rossana Staevie Baduy *(Universidade Estadual de Londrina, Brasil);*
Sara Donetto *(King's College London, Inglaterra);*
Sueli Terezinha Goi Barrios *(Associação Rede Unida, Brasil);*
Túlio Batista Franco *(Universidade Federal Fluminense, Brasil);*
Vanderléia Laodete Pulga *(Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);*
Vanessa Iribarrem Avena Miranda *(Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil);*
Vera Lucia Kodjaoglanian *(Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);*
Vincenza Pellegrini *(Università di Parma, Itália).*

Comissão Executiva Editorial
Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Camila Fontana Roman
Carolina Araújo Londero

Revisão do Texto
Tiago Estrela da Cunha Moraes

Diagramação
Lucia Pouchain

Organizadores
Luna Rezende Machado de Sousa
Michele Straub
Aaronson Ramathan Freitas
Carla Straub
João Batista de Oliveira Júnior
Roberto Eduardo Bueno
Suzane de Oliveira
Tainá Ribas Mélo
Thiago de Sousa Bagatin

Ilustração Capa
Emanuelle Becker Ferreira – estudante de Saúde Coletiva turma 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

MATINHOS
2026

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N897

Nós, Sanitaristas da UFPR Litoral: memórias de uma formação em Saúde Coletiva / Luna Rezende Machado de Sousa; Michele Straub; Aaronson Ramathan Freitas; Carla Straub; João Batista de Oliveira Junior; Roberto Eduardo Bueno; Suzane de Oliveira; Tainá Ribas Melo; Thiago Bagatin; (Organizadores) – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2026.

81 p. (Série Conhecimento em Movimento, v. 46).

E-book: 2.85 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-272-1

DOI: 10.18310/9786554622721

1. Saúde Coletiva. 2. Sistema Único de Saúde. 3. Memória. 4. Educação Superior. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WA18

CDU 378:614

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede Unida

Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

editora redeunida

Agradecimentos

Aos estudantes, egressos e professores que, em diferentes tempos e trajetórias, ajudaram e continuam ajudando a construir este curso. Este livro é fruto das histórias, dos encontros e das marcas deixadas por cada pessoa que fez e faz parte desse caminho.

À Universidade Federal do Paraná (UFPR), pelo incentivo à preservação da história e ao fortalecimento da identidade do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva, por meio do Fundo de Apoio à Graduação (FAG), cujo financiamento tornou possível a realização deste livro.



Sumário

Apresentação 10

Os caminhos que a gente não planeja 13

O que existe por trás dos números 19

O tamanho de um território 25

A distância entre querer e chegar 33

E o SUS, quem vai apresentar? 39

Até perceber que era casa 44

Do outro lado do Atlântico 50

O que nos transforma pelo percurso 56

O silêncio também acolhe 61

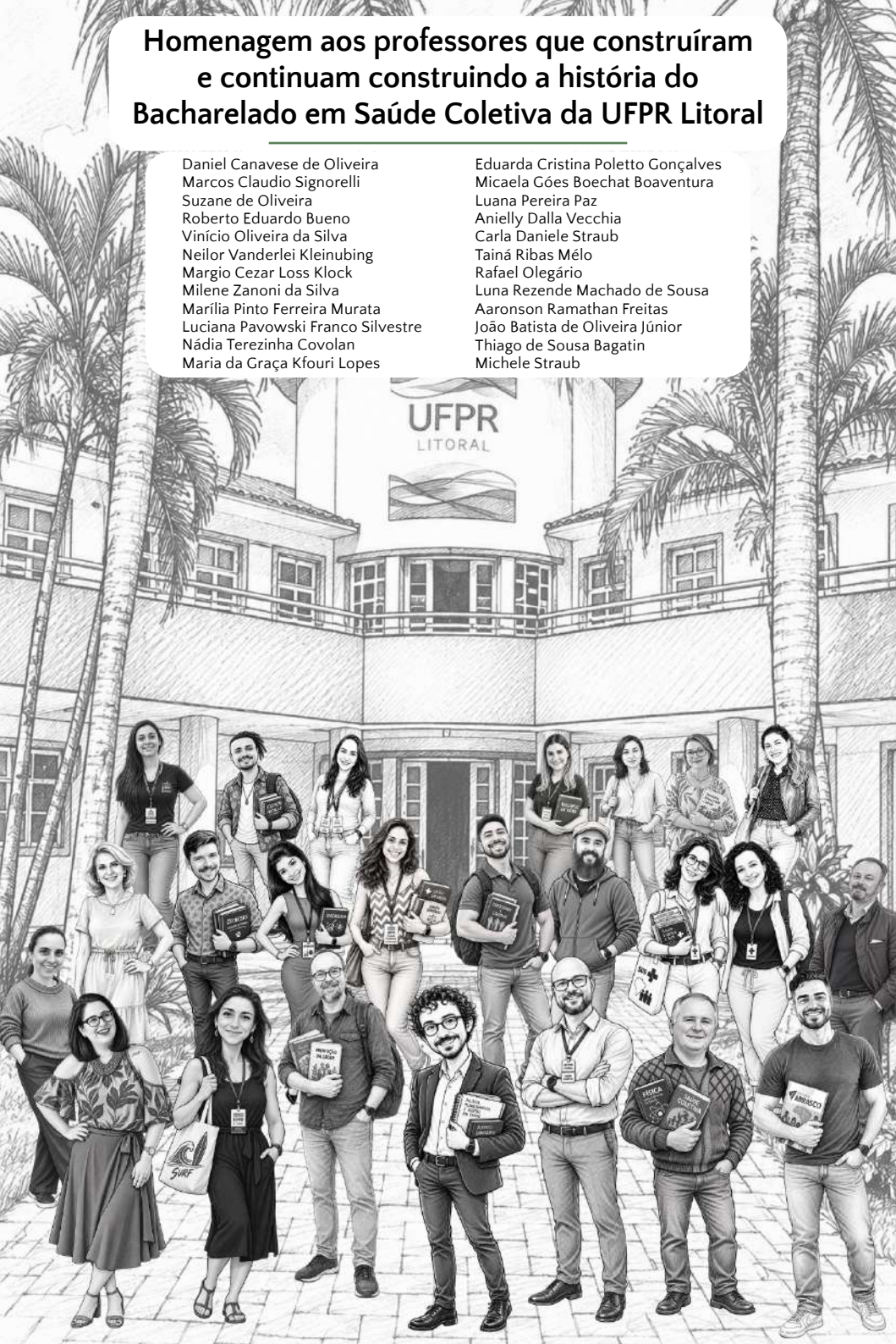
Outra forma de ficar 64

A travessia 69

O SUS que existe fora da sala de aula 75

Homenagem aos professores que construíram e continuam construindo a história do Bacharelado em Saúde Coletiva da UFPR Litoral

Daniel Canavese de Oliveira
Marcos Claudio Signorelli
Suzane de Oliveira
Roberto Eduardo Bueno
Vinício Oliveira da Silva
Neilor Vanderlei Kleinubing
Margio Cezar Loss Klock
Milene Zanoni da Silva
Marília Pinto Ferreira Murata
Luciana Pavowski Franco Silvestre
Nádia Terezinha Covolan
Maria da Graça Kfouri Lopes
Eduarda Cristina Poletto Gonçalves
Micaela Góes Boechat Boaventura
Luana Pereira Paz
Anielly Dalla Vecchia
Carla Daniele Straub
Tainá Ribas Mélo
Rafael Olegário
Luna Rezende Machado de Sousa
Aaronson Ramathan Freitas
João Batista de Oliveira Júnior
Thiago de Sousa Bagatin
Michele Straub



Apresentação

Este livro nasce do desejo de registrar uma história que não pode ser contada apenas por datas, documentos ou marcos institucionais. A história do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral é, sobretudo, a história das pessoas que o construíram e continuam a construí-lo.

Nas páginas que seguem, estudantes, egressos e professores compartilham vivências, encontros, desafios e descobertas que atravessam a formação e o fazer em Saúde Coletiva. São crônicas que revelam diferentes trajetórias, mas que se encontram na construção de uma identidade comum e no compromisso com o Sistema Único de Saúde.

Mais do que preservar memórias, este livro busca reconhecer aqueles que vieram antes, valorizar quem constrói essa história no presente e deixar para os que ainda virão um pouco dos caminhos já percorridos.

Porque um curso é feito de projetos pedagógicos, salas de aula, territórios e serviços. Mas é feito, principalmente, de gente.

E contar essas histórias é também uma forma de compreender quem somos e continuar construindo quem queremos ser.

Na elaboração desta obra, foi utilizada inteligência artificial generativa (ChatGPT, da OpenAI) como ferramenta de apoio à organização narrativa, à transformação dos relatos em linguagem de crônica e à revisão e ao aprimoramento textual.

As experiências, memórias e acontecimentos narrados são provenientes dos relatos de seus protagonistas. A seleção das histórias, a orientação narrativa, a revisão e a aprovação das versões finais foram realizadas sob supervisão humana, buscando preservar a autenticidade das experiências, os sentidos atribuídos pelos participantes e a essência de cada relato.

A inteligência artificial foi utilizada como recurso de apoio à escrita e à edição, não como fonte das histórias que compõem esta obra.

“Aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar”

Gonzaguinha – Caminhos do Coração

Os caminhos que a gente não planeja

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2010.

Por muito tempo, ela não soube exatamente o que queria ser.

Quando criança, quis ser pediatra, porque gostava de crianças. Depois, professora. Em algum momento, jornalista – talvez porque sempre tivesse gostado de perguntar, descobrir o que havia por trás das coisas.

Quando chegou a hora de escolher uma profissão, tentou diferentes caminhos. Prestou vestibular para outros cursos e, mais de uma vez, ficou por uma vaga.

Uma.

Hoje pensa que, se tivesse passado em qualquer uma daquelas tentativas, provavelmente teria seguido por ali. Não havia um grande plano. Havia apenas alguém tentando encontrar seu lugar.

Foi nesse espaço entre aquilo que quase foi e aquilo que ainda não sabia que seria que a Saúde Coletiva apareceu.

A irmã fazia parte de uma das primeiras turmas do curso e perguntou:

— Por que você não faz Saúde Coletiva?

— Mas eu não gosto de sangue, de agulha, dessas coisas.

— Então você vai gostar. É diferente.

Talvez tenha sido a primeira vez que alguém lhe mostrou que existiam outras formas de cuidar.

Decidiu tentar. Fez, em silêncio, um acordo com Deus: depois de tantos caminhos que quase tinham dado certo, se aquele tivesse algum propósito em sua vida, que passasse de primeira.

Passou.

Era 2010.

Entrou em um curso que também construía sua identidade. Na universidade, descobriu que cuidar não significava apenas estar diante de um paciente. Cuidar também era prevenir, planejar, conhecer um território, organizar serviços, construir políticas públicas e olhar para indicadores sem esquecer que, por trás deles, existiam pessoas.

E aquela forma de cuidar fazia sentido.

Ainda estudante, prestou concurso para fiscal sanitarista. Nem compreendia completamente o cargo, mas uma palavra chamou sua atenção: sanitarista.

Passou.

Algum tempo antes, havia atravessado a porta de uma Unidade Básica de Saúde como estagiária. Agora atravessava a mesma porta como servidora pública.

O lugar era o mesmo.
Ela não.

Vieram a Vigilância Sanitária, a gestão e o Programa Saúde na Escola. Foi ali que percebeu que aquela menina que um dia quis ser pediatra havia encontrado sua própria maneira de cuidar das crianças: não com procedimentos, mas com políticas públicas, promoção da saúde e articulação entre saúde, escola e território.

E, quanto mais trabalhava, mais perguntas surgiam.
Por que algumas ações funcionavam e outras não? O que fazia uma política pública sair do papel e alcançar a vida das pessoas?

Sem perceber, a gestora começava a encontrar a pesquisadora.

As perguntas nascidas no SUS seguiram para o mestrado e o doutorado. E ela descobriu que pesquisar também era uma forma de cuidar. Talvez a menina que quis ser jornalista estivesse ali também, fazendo perguntas, investigando, procurando respostas.

Universidade e serviço nunca se separaram. As perguntas que levava para a academia nasciam muitas vezes no SUS. E as respostas precisavam voltar para ele.

Um professor teve papel importante nesse caminho. Acreditou nela quando os rumos daquela nova profissão ainda eram incertos. Anos depois, ela voltou à universidade onde havia estudado, agora como professora.

Certo dia, enquanto dava aula, ele passou pela porta. Seguiu pelo corredor, voltou alguns passos e olhou novamente para dentro da sala.

Olhou para ela e balançou a cabeça.
Não disse nada.
Também não precisava.

Talvez tenha sido por encontrar pessoas que lhe abriram portas que ela aprendeu a importância de mantê-las

abertas para quem viesse depois. No serviço, ajudou a aproximar estudantes do cotidiano do SUS e a construir espaços que antes não existiam para os profissionais de Saúde Coletiva.

Anos depois, prestou outro concurso.

Dessa vez, não para uma profissão que ainda tentava compreender.

Mas para aquilo que já sabia que era:

sanitarista.

Vieram novos desafios na gestão e, então, a pandemia. Epidemiologia, vigilância, planejamento e análise de dados passaram a fazer parte de dias intensos e imprevisíveis. Foi um dos momentos em que compreendeu com maior força por que a Saúde Coletiva existe.

O conhecimento também a sustentou para além do trabalho. Em um dos períodos mais difíceis de sua vida, estudar lhe ofereceu movimento. A pesquisa lhe deu perguntas quando não havia respostas e ampliou seu mundo quando a dor parecia querer diminuí-lo.

Dezesseis anos depois, ela olha para trás e percebe que aquela menina que quis ser tantas coisas talvez não estivesse tão perdida assim.

A que quis ser pediatra encontrou uma forma de cuidar.

A que quis ser professora encontrou a sala de aula.

A que quis ser jornalista encontrou na pesquisa a possibilidade de investigar.

E todas elas encontraram lugar na Saúde Coletiva.

Talvez, se aquela única vaga tivesse vindo em algum dos vestibulares anteriores, a história fosse outra.

Nunca saberá.

Sabe apenas que entrou procurando uma profissão e encontrou um lugar onde podia cuidar, ensinar, investigar e transformar.

Na época, ainda não sabia dar nome a isso.

Hoje sabe.
Era propósito.

E.C.P.G.

O que existe por trás dos números

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2011.

No começo, eram números.
Indicadores. Metas. Percentuais. Coberturas.

Ele ainda não sabia, quando entrou no curso de Saúde Coletiva da UFPR, em 2011, que passaria boa parte da vida profissional olhando para eles.

Também não sabia que aprenderia justamente o contrário:
a não enxergar apenas números.

Na universidade, começou a descobrir que saúde era uma coisa muito maior do que imaginava.

Estava nos serviços, claro.

Mas também estava nas condições em que as pessoas viviam, no território, nas políticas públicas, na organização de uma cidade e nas decisões que alguém tomava muito longe da casa de quem precisaria daquele cuidado.

Nas aulas, discutia planejamento.

Gestão.

Direito à saúde.

Indicadores.

Necessidades da população.

Até que, ainda durante a graduação, a teoria deixou de esperar o fim do curso para encontrar a prática.

Ele tornou-se diretor-geral de Saúde de Pontal do Paraná.

De repente, aquilo que aparecia nos textos também aparecia sobre sua mesa.

Era preciso decidir.

Organizar serviços.

Planejar.

Resolver problemas.

Olhar dados.

E, sobretudo, lembrar que cada decisão alcançaria alguém.

Durante o dia, vivia os problemas da gestão.

Na universidade, encontrava palavras para compreendê-los.

Às vezes acontecia o contrário.

Uma discussão feita em sala parecia abstrata até que, alguns dias depois, surgia diante dele em uma situação concreta.

Foi assim que universidade e serviço começaram a conversar.

E talvez tenha sido ali que ele tenha aprendido uma das coisas mais importantes de sua formação:

um indicador nunca é apenas um indicador.

Por trás de uma cobertura baixa existem pessoas que não conseguiram chegar.

Por trás de uma meta não alcançada pode existir uma equipe sobrecarregada, um serviço mal organizado, uma necessidade que ninguém percebeu.

Por trás de cada número há uma história que a planilha não conta.

Depois da formatura, vieram outros territórios.

Em Paranaguá, acompanhou equipes da Estratégia Saúde da Família, processos de trabalho e indicadores.

Aquilo que aprendera durante a graduação continuava acontecendo.

Era preciso olhar para os dados.

Mas também para quem produzia aqueles dados.

Conversar com equipes.
Entender dificuldades.
Articular pessoas.
Organizar processos.

Pouco a pouco, começou a compreender o lugar do sanitarista não exatamente como alguém que ocupa o centro das coisas, mas como alguém capaz de fazer as coisas se encontrarem.

A gestão com o cuidado.
O planejamento com o território.
O dado com a realidade.

Depois veio Foz do Iguaçu.
Em 2018, foi aprovado em concurso público para sanitarista.
Outro município.
Outras equipes.
Outros números.
Outras histórias.

Na Atenção Primária, trabalhou com planejamento, monitoramento de indicadores e implantação de serviços. Participou de iniciativas para ampliar o acesso da população e também da estruturação da Educação Permanente em Saúde.

E então sua trajetória ganhou mais uma volta interessante.

A universidade, que um dia o havia levado para dentro dos serviços, começou a reaparecer dentro deles.

Projetos de pesquisa, ensino e extensão passaram a se aproximar da rede de saúde.

Residências foram fortalecidas.

Serviço e universidade voltaram a conversar.

Só que agora David estava do outro lado dessa conversa.

Como preceptor de uma residência multiprofissional em Saúde da Família, passou também a acompanhar a formação de outros trabalhadores do SUS.

Talvez reconheça neles algumas das perguntas que um dia também levou para a universidade.

Talvez veja alguém olhando para uma planilha e ainda enxergando apenas uma planilha.

E possa dizer:

— Olhe de novo.

Porque foi isso que a Saúde Coletiva fez com ele.

Ensinou-o a olhar de novo.

Para um indicador e procurar uma pessoa.

Para um serviço e procurar um território.

Para um problema e tentar compreender tudo aquilo que o produziu.

Muitos anos se passaram desde aquele primeiro dia na UFPR.

Vieram cargos, cidades, responsabilidades e novos desafios.

Mas algumas coisas permanecem.

David continua trabalhando na Atenção Primária.

Continua lidando com planejamento, cuidado e gestão.

Continua olhando números.

A diferença é que agora sabe:

os números nunca estão sozinhos.

Atrás deles existem pessoas.

E talvez seja justamente isso que a universidade lhe tenha ensinado a nunca deixar de enxergar.

G.C.W.L.

O tamanho de um território

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2012.

Ela tinha 22 anos, uma filha pequena e uma ideia bastante simples sobre o que significava cuidar de alguém.

Cuidar era estar perto. Era tocar, examinar, aliviar uma dor. Era alguém de branco diante de alguém que precisava de ajuda. Por isso, durante dois anos, tentou entrar em Fisioterapia. Não passou.

Na terceira tentativa, resolveu mudar a escolha.

Na lista de cursos havia um nome meio estranho:
Saúde Coletiva.
Ela leu de novo.
Saúde. Isso bastava.
Inscreveu-se.

Não fazia ideia de que aquela escolha, feita quase como quem experimenta uma porta depois de encontrar outras fechadas, mudaria para sempre a maneira como enxergava o mundo.

Nos primeiros meses de universidade, ela ainda procurava o paciente.

Esperava encontrá-lo em algum momento das aulas. Talvez mais adiante.

Mas, em vez de um paciente, deram-lhe um território.

Disseram que olhasse para as pessoas que moravam ali. Para as casas. Para o trabalho. Para a renda. Para o ônibus que passava – ou não passava. Para a água, o esgoto, a escola, o posto de saúde, para quem conseguia chegar até ele e para quem desistia no caminho.

Ela estranhou.

Tinha entrado na universidade para aprender a cuidar de pessoas e agora lhe pediam que olhasse para ruas.

Demorou algum tempo para perceber:

as pessoas estavam nas ruas.

Estavam nas casas, nos bairros, nas filas e nas decisões tomadas dentro de gabinetes onde talvez nunca colocassem os pés.

Foi ali que alguma coisa virou.

O mundo, que antes parecia caber entre um profissional e um paciente, ficou enorme.

Anos depois, ela atravessaria um oceano. Em Coimbra, estudaria Saúde Ambiental e conheceria outras maneiras de organizar a saúde.

Curiosamente, foi longe de casa que passou a enxergar melhor aquilo que tinha em casa.

O SUS lhe pareceu diferente visto de fora. Imperfeito, certamente, mas extraordinário na promessa de que ninguém deveria precisar apresentar uma carteira ou uma conta bancária antes de ser reconhecido como alguém que merece cuidado.

Quando voltou ao Brasil, vieram a docência, a pesquisa e outros caminhos. Até que a vida a levou novamente ao lugar onde aquela primeira descoberta havia começado:

o território.

Tornou-se sanitarista da Atenção Primária em Matinhos. Depois, coordenadora.

E foi então que descobriu que os mapas mentem um pouco.

No papel, Matinhos cabia perfeitamente dentro de algumas linhas.

Na vida real, não.

Havia muitos municípios dentro daquele município.

Uma rua podia separar duas realidades completamente diferentes. Uma distância pequena no mapa podia ser enorme para quem precisava percorrê-la a pé. Cada unidade de saúde tinha seu jeito. Cada equipe conhecia histórias que jamais apareceriam nos sistemas de informação.

E havia problemas que nenhuma planilha sabia explicar.

Era preciso ir até lá.

Então ela foi.

Entrou nas unidades, conversou com trabalhadores, ouviu histórias, percorreu os territórios.

E percebeu que gerir não era mandar o território funcionar.

Era primeiro descobrir como ele funcionava.

Depois da pandemia, algumas coisas precisavam ser reconstruídas.

Entre elas, algo aparentemente banal: as equipes precisavam voltar a sentar juntas.

Reuniões.

Não havia equipamento novo nem tecnologia sofisticada.

Havia cadeiras, uma mesa e pessoas voltando a conversar.

Pouco a pouco, aquelas reuniões devolveram às equipes um espaço para discutir problemas, dividir angústias, planejar e decidir juntas.

Foi ali que ela compreendeu mais uma coisa sobre o cuidado.

Durante muito tempo imaginara que cuidar acontecia quando alguém colocava as mãos sobre outra pessoa. Agora sabia que, às vezes, o cuidado começava muito antes.

Às vezes, cuidar era garantir que uma equipe conseguisse se reunir.

Era organizar um serviço.

Era ouvir um agente comunitário que conhecia aquela rua melhor do que qualquer gestor.

Era mudar uma decisão porque alguém que estava na ponta dizia:

— Desse jeito não vai funcionar aqui.

Ela aprendeu a confiar em quem conhecia o chão.

Porque existe um tipo de conhecimento que não nasce nos livros.

Nasce nos pés.

É o conhecimento de quem sabe onde a rua alaga, onde o ônibus não chega, qual família mudou de casa, quem parou de buscar o medicamento e qual caminho parece curto no mapa, mas se torna enorme debaixo do sol.

Para conhecer um território, descobriu, era preciso estar disposto a pisar no barro.

Mas havia uma pequena ironia nessa história.

Depois de aprender a enxergar tão longe, ela começou a sentir falta de enxergar de perto.

Aquela jovem de 22 anos que queria cuidar de alguém nunca havia desaparecido completamente.

A gestão lhe ensinara a cuidar de equipes, serviços e territórios inteiros. Mas a convivência com a Atenção Primária despertou novamente o desejo do encontro: estar ao lado, acolher, acompanhar, tocar.

Então, muitos anos depois, ela voltou a ocupar uma carteira universitária. Dessa vez, em uma graduação em Enfermagem.

Não estava voltando ao início.

Estava chegando ao mesmo desejo por outro caminho.

Talvez aquela jovem de 22 anos estivesse certa desde o começo.

Saúde era mesmo sobre cuidar de pessoas.
Ela só ainda não sabia o tamanho de uma pessoa.
Uma pessoa pode ter o tamanho de uma casa.

De uma família.
De uma rua.
De uma equipe.
De um bairro inteiro.

Às vezes, para cuidar de alguém, é preciso olhar para tudo aquilo que existe ao redor dela.

Foram necessários uma universidade, um oceano, muitas salas de aula, um município inteiro e um pouco de

barro nos sapatos para que aquela sanitarista entendesse o que procurava desde o início.

> O cuidado nunca esteve fora da Saúde Coletiva.
> Ela é que ainda não tinha aprendido a enxergá-lo.

A.D.V.L.

A distância entre querer e chegar

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2012.

Ela queria fazer uma faculdade.

O problema é que querer e saber como chegar até lá são coisas bastante diferentes.

Tinha uma filha de cinco anos, vinha de uma família humilde e não sabia exatamente qual curso escolher. Sabia apenas que queria alguma coisa relacionada à saúde – e que não se imaginava "mexendo em pessoas".

Começou pelo que estava ao alcance: um curso pré-vestibular.

Foi lá que alguém falou sobre uma Feira de Profissões em Matinhos.

E então veio a surpresa:

havia uma universidade em Matinhos.

Ela não sabia.

Morava em Paranaguá. Matinhos era perto. Ainda assim, aquela universidade parecia pertencer a um mundo distante do seu.

Ela pegou um ônibus e foi conhecer.

Talvez tenha parecido apenas uma viagem para uma Feira de Profissões. Mas algumas viagens só revelam o tamanho que tiveram muitos anos depois.

Entre tantos cursos, encontrou um nome:
Saúde Coletiva.

Saúde ela entendia.
Coletiva, talvez ainda não completamente.
Mas alguma coisa ali fazia sentido.
Prestou vestibular.
Passou.

Depois disso, o caminho entre Paranaguá e Matinhos tornou-se parte da vida. Para estudar, fazia o deslocamento até a universidade de van.

Na ida, levava as preocupações de uma vida que não parava só porque agora era universitária. Na volta, trazia textos, perguntas e uma maneira diferente de olhar para o mundo.

A filha continuava pequena.
A vida continuava acontecendo.

E a universidade precisava caber dentro dela.
Foi durante a graduação que aquele “coletiva” começou a ganhar significado.

Em um projeto sobre pessoas com deficiência, passou a observar questões de acessibilidade nas escolas públicas de Paranaguá. Era curioso: saía de Paranaguá para estudar em Matinhos e a universidade a mandava de volta para Paranaguá para aprender.

Só que agora voltava diferente.

Entrava nas escolas percebendo barreiras que antes poderiam passar despercebidas. Começou a entender que cuidar nem sempre significava fazer alguma coisa diretamente sobre o corpo de alguém.

Às vezes, o problema estava em uma escada.
Em uma porta.
Na organização de um serviço.
Naquilo que permitia – ou impedia – que alguém participasse.

A saúde começou a se espalhar pelas coisas.

Estava na educação, nas relações, no território, nas políticas, nas decisões que interferiam na vida das pessoas.

Talvez tenha sido essa uma das maiores descobertas daquela graduação: aprender a enxergar aquilo que antes estava diante dos olhos, mas ainda não tinha nome.

Depois, os caminhos se multiplicaram.

Aquele primeiro percurso abriu outros. Vieram novas oportunidades de estudar, trabalhar, ensinar e ocupar espaços que antes talvez parecessem distantes demais.

A Saúde Coletiva deixou de ser apenas o nome encontrado em uma Feira de Profissões. Tornou-se uma maneira de estar no mundo.

E, em uma dessas voltas bonitas que a vida às vezes dá, ela retornou à universidade onde tudo havia começado.

Dessa vez, não chegou para descobrir o que poderia ser.

Chegou para ajudar outras pessoas a descobrir.

Talvez essa seja uma das medidas mais bonitas de uma conquista: quando uma porta que um dia se abriu para você permite que, depois, você a mantenha aberta para outros passarem.

A universidade também atravessou a porta de sua casa.

A menina de cinco anos cresceu enquanto a mãe construía novos caminhos. E aquela escolha trouxe algo maior que uma profissão: trouxe autonomia, possibilidades e a chance de oferecer à filha horizontes que antes pareciam distantes.

Por isso, é difícil saber exatamente onde terminou aquela primeira viagem.

Talvez ela ainda não tenha terminado.

Porque aquele ônibus não a levou apenas de Paranaguá a Matinhos.

Levou uma mulher até uma universidade que ela nem sabia que existia.

E, de alguma forma, levou também até uma vida que ela ainda não sabia que poderia alcançar.

Às vezes, mudar uma história começa assim:
alguém nos conta que existe um lugar que ainda não conhecemos.

E nós decidimos ir.

M.G.B.B.

E o SUS, quem vai apresentar?

Crônica inspirada nas memórias de um docente, com ingresso em 2016.

Algumas viagens universitárias começam muito antes de o ônibus sair.

Começam na tentativa de conseguir transporte, na organização dos estudantes, nas expectativas sobre o encontro e naquela mistura de entusiasmo e preocupação que acompanha qualquer grupo que decide atravessar o estado para representar seu curso.

Em setembro de 2017, estudantes do Bacharelado em Saúde Coletiva do litoral paranaense partiram rumo a Foz do Iguaçu para participar de um encontro regional de estudantes da área. Era uma oportunidade de encontrar colegas de outros cursos do Sul do Brasil, trocar experiências e discutir formação, políticas públicas e sistemas de saúde.

O transporte foi conseguido pela universidade.

Quando o ônibus chegou, porém, surgiu a primeira dúvida da viagem.

Era uma longa distância e todos imaginavam encontrar algum conforto para enfrentar tantas horas de estrada. No lugar disso, apareceu um velho conhecido da universidade: um daqueles ônibus que carregam, além de passageiros, muitas histórias – e alguma incerteza sobre chegar ao destino sem imprevistos.

A pergunta surgiu quase naturalmente:
— Será que a gente chega?

Chegamos.
Cansados, é verdade, depois de praticamente um dia inteiro de estrada. Mas chegamos.

Em Foz do Iguaçu, fomos recebidos pelos estudantes anfitriões e alojados no espaço disponibilizado para o encontro. Logo o cansaço da viagem deu lugar à animação. O grupo que vinha do litoral era numeroso. Entre os cursos participantes, estava entre as maiores delegações, levando consigo aquela disposição que marcava uma geração de estudantes muito presente nos espaços de discussão e construção da Saúde Coletiva.

E talvez justamente por isso uma das atividades tenha se transformado em uma memória tão marcante.

Em uma das sessões, estudantes vindos de diferentes países latino-americanos apresentavam os sistemas de saúde de seus lugares de origem. Falou-se da Argentina. Da Bolívia. Do Peru. Do Equador. Do Paraguai.

Cada apresentação abria uma janela para outra realidade. Diferentes formas de organizar serviços, compreender direitos e responder às necessidades de saúde das populações.

Até que alguém percebeu uma ausência.
— E o Brasil?

A pergunta logo ganhou um complemento inevitável:
— E o SUS, quem vai apresentar?

A resposta surpreendeu o grupo: não haveria apresentação sobre o Sistema Único de Saúde.

A justificativa dos anfitriões fazia sentido à sua maneira. Estudavam o SUS durante toda a graduação. A proposta daquele momento era justamente conhecer aquilo que estava além das fronteiras brasileiras.

Mas quem tinha atravessado tantas horas de estrada não se convenceu tão facilmente.

Como reunir estudantes de Saúde Coletiva no Brasil e não falar do SUS?

A programação, por alguns instantes, deixou de ser programação.

Nasceu uma discussão.

Espontânea, intensa, conduzida pelos próprios estudantes. De um lado, aqueles que defendiam a oportunidade de olhar para os sistemas de outros países latino-americanos. De outro, aqueles que entendiam que discutir Saúde Coletiva em território brasileiro também significava colocar o SUS no centro da conversa.

Não havia uma resposta simples e talvez tenha sido justamente isso que tornou aquele momento tão rico.

Não era mais uma apresentação sobre sistemas de saúde. Era uma discussão sobre formação, identidade, pertencimento e sobre as diferentes maneiras de compreender a própria Saúde Coletiva.

Os professores quase não apareciam naquela cena. E isso também dizia alguma coisa.

O encontro havia sido organizado pelos estudantes. As perguntas eram deles. Os argumentos eram deles. As divergências também.

A quem estava ali como docente coube, naquele momento, uma tarefa talvez ainda mais importante do que falar: ouvir.

Observar estudantes argumentando, discordando, defendendo aquilo em que acreditavam e construindo coletivamente suas próprias perguntas.

No fim, aquela viagem ficou na memória não apenas pelas muitas horas dentro de um ônibus que, contrariando os receios iniciais, conseguiu ir e voltar.

Ficou pela força de um grupo que atravessou o Paraná para ocupar um espaço de formação e debate. Pelo encontro entre estudantes de diferentes lugares e países. Pela possibilidade de perceber que a Saúde Coletiva pode ser compreendida por muitas perspectivas.

E ficou, sobretudo, por uma pergunta aparentemente simples, feita no meio de uma programação universitária:

— E o SUS?

Talvez ninguém tenha planejado aquela pergunta.

Mas, às vezes, são justamente as perguntas que não estavam na programação que mais ensinam.

R.E.B.

Até perceber que era casa

Crônica inspirada nas memórias de uma docente, com ingresso em 2019.

Ela chegou pela fisioterapia.

Trazia consigo o corpo, o movimento, a infância, o desenvolvimento. Trazia também muitos anos de SUS acumulados nos pés: corredores de unidades de saúde, territórios percorridos, equipes, famílias, reuniões, dificuldades que não cabiam nos livros e soluções que só apareciam quando alguém conhecia de verdade o lugar onde trabalhava.

Gostava daquele mundo.

Mas havia alguma coisa além.

Talvez tenha começado quando entrou pela primeira vez na universidade como professora. Era substituta, portanto sabia que aquele lugar lhe havia sido emprestado por algum tempo. Ainda assim, bastaram alguns meses para nascer uma certeza silenciosa: um dia voltaria para ficar.

Na mesma época, um curso novo começava a ganhar forma por ali.

Saúde Coletiva.

Ela observava de perto. Conhecia quem ajudava a construir aquela graduação, acompanhava conversas, projetos, estudantes. Achava bonita aquela formação que parecia querer compreender não apenas a doença ou o indivíduo, mas tudo aquilo que existia ao redor deles.

Encantava-se.

Só não imaginava que aquilo também pudesse ser seu.

Afinal, ela era fisioterapeuta.

E às vezes levamos muito a sério as fronteiras que desenharam para as profissões.

Então voltou ao SUS e seguiu trabalhando. Crianças, famílias, territórios, serviços. Atenção Primária, atenção especializada. Um cotidiano feito de pessoas que nunca chegavam trazendo apenas aquilo que estava escrito no encaminhamento.

Aos poucos, sem pedir licença, a Saúde Coletiva começou a aparecer em toda parte.

Estava na criança que precisava de cuidado, mas também de escola, transporte e uma rede que funcionasse. Estava na família que dependia de uma unidade organizada. Estava nos números que ajudavam a compreender o território. Estava na pergunta sobre por que algumas pessoas conseguiam chegar aos serviços e outras não.

Ela ainda não se chamava sanitarista.

Mas talvez já estivesse se tornando uma.

Anos depois, o telefone tocou.

Do outro lado da linha estava uma possibilidade improvável: voltar à universidade. E voltar justamente para aquele curso que havia acompanhado nascer.

A alegria veio primeiro.

O medo chegou logo depois.

Será que saberia ensinar naquele lugar? Será que tinha formação suficiente? Será que seria capaz de ocupar uma cadeira em uma graduação que admirava tanto?

Aceitou antes que as dúvidas encontrassem argumentos melhores.

Em dezembro, atravessou novamente os portões da universidade. Em fevereiro, entrou em sala de aula. Tinha planos, conteúdos, expectativas e aquela ansiedade de quem começa alguma coisa que desejou por muito tempo.

Então março chegou.

E o mundo fechou as portas.

De repente, palavras que habitavam as aulas passaram a ocupar as conversas de todos os dias. Epidemiologia. Vigilância. Território. Equidade. Planejamento. Sistema de saúde.

E SUS.

Sobretudo SUS.

A professora que ainda tentava descobrir como ensinar Saúde Coletiva passou a viver, junto com seus colegas e estudantes, uma das maiores aulas de Saúde Coletiva que sua geração conheceria.

Não havia respostas prontas.

Havia perguntas.

Muitas.

E talvez tenha sido naquele tempo estranho que ela compreendeu definitivamente o lugar onde havia chegado.

Saúde Coletiva não era uma coleção de conhecimentos que alguém precisava dominar para receber autorização para pertencer. Era também uma maneira de olhar.

Olhar para uma criança e enxergar sua família.

Olhar para uma família e enxergar seu território.

Olhar para um território e enxergar políticas, serviços, desigualdades, histórias e possibilidades.

Depois disso, as antigas fronteiras ficaram ainda menos importantes.

A fisioterapeuta continuou existindo. A pesquisadora apareceu. A professora cresceu. Vieram estudantes de diferentes cursos, projetos, pesquisas, extensão, encontros improváveis entre pessoas que talvez nunca dividissem a mesma sala se não houvesse algo maior capaz de reuni-las.

E havia.

O SUS fazia isso.

A Saúde Coletiva também.

De vez em quando, ela ainda se lembrava daquela professora substituta que observava o curso de longe e pensava que aquele campo era bonito demais, importante demais – mas que provavelmente não era para ela.

Tinha vontade de contar àquela mulher que algumas casas são assim.

A gente passa primeiro pela calçada.

Depois entra para uma visita.

Volta outras vezes.

Deixa um livro numa estante, uma xícara sobre a mesa, reconhece as vozes de quem está lá dentro.

Até que, certo dia, já não sabe dizer exatamente quando aconteceu, procura a chave no bolso.

E percebe que também mora ali.

T.R.M.

Do outro lado do Atlântico

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2019.

Ela chegou ao Brasil trazendo uma língua.
Francês.

Era a língua em que havia aprendido a nomear o mundo, fazer perguntas, organizar pensamentos, dizer quem era e de onde vinha.

Mas, para começar a universidade, precisava aprender outra.
Português.

Vinda da República do Benim, passou primeiro por Curitiba. Durante um ano, estudou português no Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR. Aprendeu palavras, sons, expressões. Fez a prova de proficiência exigida pelo programa que a havia trazido ao Brasil.

Antes mesmo de começar as aulas, porém, uma feira de cursos e profissões colocou em seu caminho outro vocabulário:

Saúde Coletiva.
Depois veio Matinhos.
Outra cidade.
Outro litoral.
Outra universidade.
Outro começo.

Talvez ela imaginasse que a parte mais difícil de estudar em outro país seria aprender a compreender aquilo que as pessoas diziam.

Mas a universidade lhe apresentaria um desafio diferente:

aprender a enxergar aquilo que nem sempre era dito.

Saúde era uma palavra que ela já conhecia.

Na Saúde Coletiva, porém, a palavra começou a crescer.

Saúde também era território.
Era política pública.
Era desigualdade.
Era acesso.

Era o lugar onde alguém morava e as possibilidades que aquele lugar oferecia.

Era um número em uma tabela que, quando observado com atenção, escondia uma pessoa.

Aos poucos, ela percebeu que estava aprendendo mais uma língua.

Não uma língua feita de substantivos e verbos, mas de perguntas.

Por que algumas pessoas adoecem mais do que outras?

O que existe por trás de uma estatística?

O que um território pode dizer sobre a saúde de quem vive nele?

Que histórias desaparecem quando enxergamos apenas os números?

Então veio a pandemia.

Para quem estava longe do país de origem, o distanciamento tinha outras distâncias dentro dele.

Havia a distância das pessoas.

A distância da universidade.

E havia um oceano inteiro separando-a de casa.

Anos depois, quando precisou escolher o tema do trabalho de conclusão de curso, percebeu que uma pergunta estava muito perto.

Decidiu estudar os impactos da pandemia na saúde mental de estudantes estrangeiros.

Sem ter planejado dessa maneira, transformou parte da própria experiência em pergunta de pesquisa.

E usou aquilo que havia aprendido para tentar compreendê-la.

Epidemiologia.
Determinantes sociais.
Saúde mental.
Representações sociais.

As ferramentas acadêmicas serviam para estudar um fenômeno, mas também para olhar novamente para algo que ela própria havia vivido.

Foi então que descobriu outra possibilidade da pesquisa: às vezes, pesquisar o mundo também é uma maneira de compreender o nosso lugar dentro dele.

Depois daquela pergunta vieram outras.

O TCC levou ao mestrado em Saúde Coletiva.

No mestrado, o olhar se voltou para os determinantes sociais relacionados à mortalidade de mulheres em idade fértil no Paraná.

Mudava o objeto.

Permanecia a pergunta que estava por trás dele:
o que existe além do número?

Depois veio a Vigilância em Saúde.

Ela passou a apoiar, no Ministério da Saúde, a rede dos Centros de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde.

A estudante que havia atravessado o Atlântico para começar uma graduação agora participava de uma rede dedicada a observar acontecimentos de saúde em um país de dimensões continentais.

Talvez algumas trajetórias pareçam muito organizadas quando contadas de trás para frente.

Graduação.
Mestrado.
Vigilância.
Ministério da Saúde.

Mas quem vive um caminho sabe que ele raramente aparece inteiro diante de nós.

Uma etapa vai abrindo a seguinte.
Uma pergunta produz outra.
Uma pessoa apresenta outra.
Uma amizade permanece.
Um encontro muda uma direção.

E, quando percebemos, estamos em lugares que não conseguiríamos imaginar quando tudo começou.

Ela atravessou o Atlântico para estudar no Brasil.

Mas houve outra travessia acontecendo ao mesmo tempo.

Mais silenciosa.

Ela chegou sabendo que saúde dizia respeito às pessoas.

Saiu sabendo que, para compreender a saúde de uma pessoa, talvez fosse necessário olhar muito além dela.

Para o território.

Para a história.

Para as desigualdades.

Para as políticas.

Para os números.

E, principalmente, para as vidas escondidas dentro deles.

No começo, ela precisou aprender uma nova língua para estudar Saúde Coletiva.

No fim, talvez tenha acontecido também o contrário.

A Saúde Coletiva lhe deu uma nova linguagem para ler o mundo.

S.M.E.H.

O que nos transforma pelo percurso

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2020.

Nem todo caminho começa com uma escolha. Alguns começam justamente quando aquilo que havíamos escolhido deixa de funcionar.

Ela havia iniciado uma graduação longe de casa. Em algum momento, voltou para sua cidade e viu os planos mudarem antes mesmo que pudesse entender para onde estava indo.

Então veio outra reviravolta: Saúde Coletiva, na UFPR.

Entrou no curso sem imaginar o que encontraria ali. Talvez ninguém entre em uma universidade sabendo exatamente o tamanho que aquele lugar terá na própria vida.

No caso dela, houve ainda um detalhe: mal havia começado e o mundo parou.

Era o primeiro semestre quando veio a pandemia. As salas se esvaziaram, os encontros mudaram de formato e uma geração inteira precisou aprender a começar uma graduação em um tempo em que ninguém sabia direito como seria o dia seguinte.

Parecia um péssimo momento para construir caminhos.

Mas alguns começaram justamente ali.

Durante aquele período, surgiu a oportunidade de participar de uma iniciação científica. Naquele momento, era apenas uma pesquisa. Depois, tornou-se muito mais.

Vieram perguntas, leituras, descobertas, congressos e, mais tarde, o mestrado. Veio também uma parceria acadêmica que atravessaria a graduação e continuaria depois dela.

Talvez tenha sido assim que ela descobriu uma das coisas mais bonitas da pesquisa: muitas vezes entramos procurando respostas e saímos carregando novas perguntas.

Mas aquela experiência produziu coisas que nenhuma plataforma acadêmica seria capaz de registrar. Produziu encontros e amizades que permaneceram. Vieram os

trabalhos, os cafés, as angústias de quem pesquisa, as comemorações quando alguma coisa dá certo e os sonhos compartilhados entre uma etapa e outra.

Professoras também deixaram de ser apenas pessoas diante de uma sala de aula. Tornaram-se referências, inspirações e presenças que ela levaria para além dos muros da universidade.

Enquanto tudo isso acontecia, outra transformação, mais silenciosa, estava em curso.

Ela aprendia a olhar.

Primeiro para a pesquisa. Depois para o SUS. Depois para o mundo.

A Saúde Coletiva lhe mostrou que, quando começamos a enxergar as desigualdades, torna-se difícil aceitá-las como naturais. E que compreender o SUS significa também entender por que ele precisa ser defendido.

A defesa do sistema público de saúde deixou, então, de ser apenas algo aprendido nas aulas. Passou a significar a defesa do direito das pessoas de viver com dignidade.

Depois da graduação, a pesquisa continuou. Vieram novas experiências profissionais, outros espaços e novos encontros. Alguns caminhos, curiosamente, voltaram a cruzar pessoas que também haviam passado pela Saúde Coletiva.

Como se aquela história, iniciada em uma graduação que ela não havia planejado cursar, continuasse abrindo pequenas ramificações.

Hoje, talvez seja difícil identificar o instante exato em que sua vida mudou.

Foi quando os primeiros planos precisaram ser abandonados? Quando chegou à universidade? Quando começou a pesquisar? Quando percebeu que queria continuar?

Talvez não exista um instante.

Talvez exista um percurso.

Porque algumas transformações não acontecem de uma vez. Vão acontecendo enquanto caminhamos: uma professora que permanece, uma amizade que atravessa diferentes fases da vida, uma pergunta que leva a outra, um lugar que antes parecia distante e que, de repente, passa a ser ocupado por nós.

Por isso, quando pensa em sua formação, ela não vê apenas um diploma.

Vê pessoas. Pesquisas. Amizades. Perguntas. Sonhos. E a pessoa que foi se tornando enquanto tudo isso acontecia.

A Saúde Coletiva lhe deu conhecimento, trabalho e possibilidades. Mas talvez tenha lhe dado, sobretudo, uma nova medida para os caminhos.

Depois dela, avançar deixou de significar apenas chegar mais longe.

Passou a significar também compreender de onde se veio, olhar para quem ainda não conseguiu chegar e reconhecer por quais coisas vale a pena lutar.

Porque há caminhos que escolhemos.

E há outros que, quando percebemos, já transformaram alguma coisa dentro de nós.

N.S.D.

O silêncio também acolhe

Crônica inspirada nas memórias de uma sanitarista da turma de 2024.

Naquela manhã, a escola estava cheia de vozes, passos apressados e da alegria barulhenta das crianças. Era dia de Saúde na Escola, e nós, estudantes de Saúde Coletiva, chegávamos com o entusiasmo de quem acredita que cuidar também é estar perto.

Como de costume, começamos com uma apresentação coletiva. Cumprimentar todos em voz alta, sorrir, chamar pelo nome. Pequenos gestos que, para nós, pareciam naturais. Uma maneira de quebrar o gelo, criar vínculos e dizer: estamos aqui juntos.

Mas, naquele dia, uma estudante chamou minha atenção. Enquanto o grupo se movimentava e as vozes se misturavam, ela permanecia com os fones de ouvido. Parecia encontrar, naquele pequeno espaço de silêncio, um lugar seguro em meio à agitação.

Por um instante, percebi que aquilo que para muitos era acolhimento poderia ser desconforto para alguém. Ela era autista, e o barulho, a intensidade das interações e a expectativa de participar daquela maneira poderiam tornar aquele momento mais difícil.

Então, mudei o tom.

Abaixei a voz. Aproximei-me com calma, sem exigir contato visual, sem insistir em uma interação imediata. Apenas me coloquei disponível. Não era preciso chamar mais alto, nem pedir que ela se adaptasse ao ritmo do grupo. Era preciso perceber o ritmo dela.

E foi assim, quase sem grandes gestos, que uma das maiores lições da minha trajetória em Saúde Coletiva aconteceu.

Naquele momento, compreendi que o cuidado não está apenas nas palavras que aprendemos, nos protocolos que seguimos ou nas atividades que planejamos. Ele também mora na capacidade de observar, escutar e reconhecer que cada pessoa experimenta o mundo de uma maneira singular.

A Saúde Coletiva, tantas vezes apresentada em conceitos, políticas e indicadores, ganhou ali uma dimensão

muito concreta: a de adaptar a nossa prática para que ninguém precise deixar de ser quem é para se sentir incluído.

Aquela estudante talvez não saiba o quanto me ensinou naquele dia. Talvez nem tenha percebido que, enquanto eu ajustava minha voz e minha postura, também transformava minha maneira de compreender o cuidado.

Desde então, quando penso em acolhimento, lembro daquela manhã. Lembro que nem sempre acolher é falar, aproximar ou convidar. Às vezes, é diminuir o volume. É respeitar a distância. É não exigir uma resposta. É oferecer presença sem invadir.

Porque, no fim, cuidar também é aprender a escutar aquilo que não é dito.

E foi ali, no meio de uma escola barulhenta, que descobri que o silêncio também pode ser uma forma de acolhimento.

V.A.M.

Outra forma de ficar

Crônica inspirada nas memórias de uma
docente, com ingresso em 2025.

Foram tantos anos dedicados ao SUS que, olhando para trás, parece uma vida inteira.

Eu o escolhi ainda na faculdade. Comecei na assistência, mas foi na gestão que me encontrei.

Gostava daquela coisa viva, dinâmica, dos problemas que exigiam respostas, das decisões que precisavam ser tomadas, da possibilidade de apoiar gestores e ajudar a construir caminhos.

Eu me doei àquilo de todas as formas.
E aquilo também me preenchia.

Enquanto o SUS ocupava meus dias, a vida acadêmica acontecia em paralelo. Cursos, oficinas, mestrado, doutorado, experiências como professora. E havia uma lembrança antiga que insistia em aparecer: quando criança, a brincadeira preferida era dar aula.

Talvez alguma parte de mim já soubesse.

Com o tempo, entendi que a docência que eu desejava só faria sentido em uma universidade pública. Se eu queria ensinar sobre o SUS em que acreditava, precisava estar em um lugar onde ensino, pesquisa, extensão e compromisso público pudessem caminhar juntos.

Imaginei que esse seria um projeto para cinco, talvez dez anos.

Mas a vida nunca teve muita paciência com os meus cronogramas.

A oportunidade apareceu muito antes. Agarrei com unhas e dentes. Fiz o concurso.

Passei.

E, junto com a alegria, veio a dor.

A vaga era de dedicação exclusiva. Para entrar, eu teria que sair.

E eu não estava pronta para deixar a gestão.

Não estava pronta para deixar o meu SUS.

Aceitei a vaga com o coração pequeno, já sentindo saudade daquela intensidade, das equipes, dos municípios, da possibilidade concreta de participar das decisões e apoiar quem fazia o SUS acontecer todos os dias.

Nos primeiros meses como docente, entrar em sala de aula me fazia feliz. Mas ainda faltava alguma coisa. Então comecei a procurar, dentro da universidade, caminhos que me levassem de volta.

E encontrei.

Primeiro veio a extensão. De repente, eu estava novamente percorrendo municípios, encontrando trabalhadores e gestores, falando de SUS.

Depois veio a pesquisa, com um audacioso projeto que nos permitiria olhar para toda uma região e produzir conhecimento junto com quem estava nos serviços.

Mas havia algo diferente dessa vez.
Eu não estava sozinha.

Comigo vieram estudantes.
Algumas delas tinham ingressado na universidade junto comigo. Meu primeiro dia como professora havia sido também o primeiro dia delas como universitárias. Quando convidei os primeiros alunos para os projetos, ainda não havia bolsas, estrutura ou muitas certezas.

Havia vontade.
E elas acreditaram.

Nós fomos aprendendo juntas, construindo projetos, conseguindo financiamento, ocupando espaços e descobrindo o que era possível fazer quando universidade e SUS se encontravam de verdade.

Até que, pouco mais de um ano depois, durante uma reunião de pesquisa, pedi que apresentassem suas reflexões sobre os materiais que haviam estudado.

Uma começou a falar.
Depois outra.
E outra.
Eu fiquei ouvindo.

Aquelas meninas que pouco tempo antes haviam chegado à universidade sem saber exatamente por onde começar agora falavam de SUS com conhecimento, propriedade e, sobretudo, com amor.

Enquanto elas falavam, alguma coisa finalmente se acomodou dentro de mim.
Passei meses acreditando que, ao escolher a universidade, tinha deixado o SUS.

Naquela sala, olhando para elas, entendi que não.
Eu apenas havia mudado o meu lugar dentro dele.

Depois de tantos anos ajudando a construir políticas, apoiar equipes, orientar gestores e pensar caminhos para os serviços, talvez minha contribuição agora fosse outra.

Era ajudar a formar quem faria tudo isso depois de mim.

E foi ali, ouvindo aquelas futuras sanitaristas falarem sobre o SUS em que acreditavam, que finalmente tive certeza:

aqui é o meu lugar.

Meu lugar é formar sanitaristas.

L.R.M.S.

A travessia

Crônica inspirada nas memórias de uma estudante
de Saúde Coletiva da turma de 2025.

Ela tinha 56 anos quando voltou a ser estudante.

Havia muito tempo entre aquela mulher e a última vez em que se sentara em uma sala de aula.

Tempo suficiente para que a vida se enchesse de outras coisas. Responsabilidades, trabalho, família, contas, preocupações. Essas coisas que vão ocupando os dias e fazendo alguns sonhos parecerem destinados a permanecer para depois.

Até que um dia o depois chegou.
Ela entrou na universidade.

Talvez quem tenha passado diretamente da escola para a graduação não consiga entender exatamente o tamanho disso.

Aos 56 anos, atravessar o portão de uma universidade também significava atravessar algumas perguntas.

Será que eu ainda consigo estudar?
Será que vou acompanhar?
Será que esse lugar também é para mim?
Ela foi mesmo assim.

Virou estudante de Saúde Coletiva.

Aprendeu coisas novas. Conheceu professores, colegas, projetos. Descobriu que a universidade não terminava na porta da sala de aula.

Até que, certo dia, a universidade lhe disse que era preciso ir a Guaraqueçaba.

E, para chegar lá, seria preciso atravessar a água.

Ela tinha medo de água.

Não um desconforto pequeno, desses que desaparecem com uma conversa tranquilizadora.

Medo.

E continuava tendo.

Mas fazia parte de um projeto de extensão e havia uma atividade de campo em Guaraqueçaba.

Então ela entrou no barco.

Talvez ninguém ao redor soubesse exatamente o que estava acontecendo dentro dela.

Para os outros, era apenas o caminho.

Para ela, era uma travessia.

O barco começou a avançar e as águas não estavam tranquilas.

Balançava.

Balançava bastante.

E, a cada movimento, o medo lembrava que estava ali.

Ela olhava para aquela água agitada e provavelmente teria muitas razões para desejar estar em terra firme.

Mas havia alguma coisa diferente naquela mulher de 56 anos sentada naquele barco.

Ela estava com medo.

E estava indo.

Em algum momento da viagem, entre um balanço e outro, percebeu uma coisa.

Ela estava conseguindo.

Não apenas atravessar aquelas águas.

Ela estava conseguindo tudo aquilo.

Estava na universidade.

Estava aprendendo novamente.

Estava participando de um projeto de extensão.

Estava conhecendo territórios que talvez nunca tivesse imaginado conhecer.

Estava fazendo coisas novas numa idade em que tantas vezes o mundo começa a dizer às pessoas que o tempo das novidades já passou.

E agora estava dentro de um barco, em águas agitadas, enfrentando um medo que carregava havia tantos anos.

Talvez por isso, naquele instante, tenha se sentido tão vitoriosa.

O medo não tinha desaparecido.

Não precisava desaparecer.

Coragem, ela descobria ali, talvez não fosse deixar de sentir medo.

Talvez fosse continuar a viagem apesar dele.

Quando o barco finalmente chegou a Guaraqueçaba, havia uma atividade de extensão esperando por ela.

Mas alguma coisa já tinha acontecido antes mesmo de ela desembarcar.

Naquela viagem, a universidade lhe havia ensinado algo que não estava escrito em nenhuma ementa.

Alguns aprendizados acontecem em uma sala.

Outros acontecem quando o chão balança.

Aos 56 anos, ela havia voltado a estudar imaginando que o grande desafio seria entrar na universidade.

Não sabia que entrar seria apenas o começo.
Depois seria preciso atravessá-la.
Conhecer pessoas.
Descobrir territórios.
Participar de projetos.
Aprender coisas que nunca tinha aprendido.
Duvidar de si mesma algumas vezes.
E continuar.

Ela ainda tem medo de água.
Isso não mudou.
Mas agora existe uma lembrança entre ela e esse medo.
A lembrança de um barco balançando no caminho para Guaraqueçaba.
E de uma mulher que, enquanto segurava o medo de um lado e a coragem do outro, percebeu que já não era exatamente a mesma pessoa que havia entrado na universidade.

Talvez seja isso que algumas travessias façam conosco.

Não retiram nossos medos.

Apenas nos mostram que somos maiores do que eles.

E, quando alguém lhe perguntar o que encontrou depois de tantos anos longe dos estudos, talvez ela possa responder que encontrou muitas coisas.

Encontrou a Saúde Coletiva.
Encontrou a universidade.
Encontrou Guaraqueçaba.

Mas, naquele barco, em meio às águas agitadas, encontrou sobretudo uma pessoa que talvez ainda não soubesse que existia.

Ela mesma, atravessando.

A.R.T.

O SUS que existe fora da sala de aula

Crônica inspirada nas memórias de um sanitarista da turma de 2026.

Tudo começou com um edital.

No início do ano, apareceu a oportunidade de participar do VER-SUS no Litoral do Paraná. Até então, era uma experiência que ele conhecia de longe. Dessa vez, pôde acompanhar, ajudar e começar a entender o que acontecia quando estudantes saíam da universidade para conhecer o SUS onde ele realmente acontece.

Depois veio o Encontro Sul da Rede Unida.
Ali encontrou outros "versusianos".
Pessoas de lugares diferentes, carregando histórias diferentes, contando o que tinham visto, sentido e aprendido em suas vivências.

No meio daqueles encontros, surgiu outro edital.
5ª edição do VER-SUS, em Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Inscreveu-se como vivente.
Foi selecionado.
E então veio a viagem.

Para Santa Maria, levou consigo aquilo que já havia aprendido no Bacharelado em Saúde Coletiva da UFPR Litoral.
Mas voltaria trazendo outras coisas.

Durante sete dias, conviveu com 26 viventes, três facilitadores e três integrantes da equipe de trabalho local.
Era preciso fazer muita coisa junto.
Participar das atividades.
Conversar.
Ouvir.
Dividir espaços.
Compartilhar conhecimentos, culturas e experiências.

Enquanto os viventes percorriam os territórios e discutiam o SUS, havia também uma equipe fazendo aquele encontro acontecer. Gente preparando almoço e jantar, organizando os espaços, resolvendo os problemas que apareciam.
Talvez uma das primeiras lições estivesse justamente ali:
o coletivo dá trabalho.

É preciso organizar.

Escutar.

Dividir responsabilidades.

Ceder algumas vezes.

Ajudar em outras.

Conviver com pessoas diferentes de nós.

Era uma experiência sobre o SUS, mas também sobre aquilo que faz o SUS existir: pessoas trabalhando juntas.

Entre tantas atividades, uma visita ficou especialmente marcada na memória: Vila Resistência.

Era um território atravessado por vulnerabilidades sociais.

Mas bastou chegar para perceber que dizer apenas isso sobre aquele lugar seria contar uma história incompleta.

Havia arte.

Havia crianças brincando na rua.

Havia atividades de educação com crianças e adolescentes.

Havia participação da comunidade.

Havia capoeira.

E havia gente recebendo quem chegava de braços abertos.

Ele entrou na roda.

Talvez tenha sido naquele território que algumas palavras tantas vezes ouvidas na universidade tenham ganhado outra dimensão.

Território não era apenas um espaço delimitado no mapa.

Vulnerabilidade não significava ausência de potência.

Saúde não cabia apenas dentro de uma unidade de saúde.

Porque saúde também estava na moradia.

Na alimentação.

Na educação.

No trabalho.

Na cultura.

No transporte.

No lazer.

Na segurança.

No ambiente.

Na possibilidade de uma criança brincar.

Na existência de espaços onde as pessoas pudessem se encontrar e participar.

Era preciso aprender a olhar para tudo isso.

E, de repente, a Saúde Coletiva parecia muito maior.

O modelo biomédico, sozinho, não dava conta de explicar aquilo que estava diante dele.

Para compreender a saúde, era preciso compreender também as relações entre pessoas, território, ambiente e sociedade.

Era justamente isso que ele havia ido buscar sem saber exatamente o que encontraria.

Durante sete dias, precisou sair da própria zona de conforto.

Conheceu pessoas.

Fez amizades.

Compartilhou conhecimentos.

Encontrou outras culturas.

Aprendeu com os territórios.

E também precisou aprender a viver e trabalhar coletivamente.

Quando voltou, talvez compreendesse um pouco melhor aquilo que escolhera estudar.

Saúde Coletiva não era apenas um conjunto de conteúdos aprendidos dentro da universidade.

Era também entrar em um território disposto a ouvir antes de explicar.

Era reconhecer as dificuldades sem deixar de enxergar as potências.

Era compreender que ninguém constrói o SUS sozinho.

Agora, uma nova edição do VER-SUS o espera no Litoral do Paraná.

Desta vez, ele chega diferente.

Porque algumas experiências não terminam quando voltamos para casa.

Elas continuam conosco.

E talvez essa seja uma das coisas mais bonitas de sair da zona de conforto: às vezes, é justamente quando saímos do lugar conhecido que começamos a entender o lugar que queremos ocupar.

H.C.P.C.

Publicações Editora Rede Unida

Série:

Rádio-Livros em Defesa do SUS e das Saúdes
Ética em pesquisa
Participação Social e Políticas Públicas
Pensamento Negro Descolonial
Mediações Tecnológicas em Educação e Saúde
Educação Popular & Saúde
Saúde Mental Coletiva
Atenção Básica e Educação na Saúde
Interlocuções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde
Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde
Saúde & Amazônia
Saúde Coletiva e Cooperação Internacional
Vivências em Educação na Saúde
Clássicos da Saúde Coletiva
Cadernos da Saúde Coletiva
Saúde, Ambiente e Interdisciplinaridade
Conhecimento em movimento
Arte Popular, Cultura e Poesia
Economia da Saúde e Desenvolvimento Econômico
Branco Vivo
Saúde em imagens
Outros

Periódicos:

Revista Saúde em Redes
Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia

e-livro
SUSTENTABILIDADE
editora redeunida

FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br

editora
redeunida

ISBN 978-65-5462-272-1